

Ou belo ou o puro ?

Racismo, eugenia e novas (bio)tecnologias

Jurema Werneck

Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo.

Sylvio Romero¹

Introdução:

Ao contrário do que afirmam os discursos já implantados no senso comum do ocidente, decorrentes da luta feminista a partir dos anos 70, o racismo, mais que o sexismo, tem sido o fator determinante na definição dos limites ou das possibilidades de vivência livre dos chamados direitos reprodutivos pela maioria das mulheres do mundo.

Esta maioria, formada por mulheres de diferentes continentes – negras, amarelas, indianas, indígenas, num arco-íris de cores que não inclui a branca – tem vivido a violência do controle da natalidade e da invasão de seus corpos por razões raciais, políticas e/ou econômicas desde há muito tempo.

Na perspectiva das mulheres negras, é possível afirmar que a manipulação de nossa capacidade procriativa ocorre há séculos, ou seja, a partir da vigência do regime escravista nas Américas e Europa. A esta época mulheres eram impedidas ou obrigadas a procriar segundo pressupostos econômicos. Visto como produto indesejável, o filho da mulher negra escravizada, quando nascia², muitas vezes era “descartado” por senhores. Ou seja: recém nascidos negros eram jogados fora de modo a evitar o prejuízo econômico decorrente de sua necessidade de alimentação e vestuário até a idade de trabalho. Na outra ponta, a procriação controlada poderia conferir, num prazo maior, importante retorno financeiro no contexto após o fim do tráfico nos mercados negreiros. O que significa que as mulheres negras escravizadas poderiam ser estimuladas à procriação, no sentido de prover o regime de mais mão de obra escrava.

Para garantir maior disponibilidade de mercadorias, ou seja, maior “produção” de escravos, ou *crias*, segundo a linguagem da época, senhores lançavam mão de homens

¹ In: Bento, Maria Aparecida Silva, Branqueamento e Branquitude no Brasil (Bento: 2003: 27)

² Pois, nas palavras de José Bonifácio de Andrada e Silva: “Quase tudo morre de miséria ou de desesperação”, in O Americano, 15/01/1848. (Giacomini: 1988: 25)

negros utilizados como reprodutores. Em grande parte estes mesmos senhores também recorriam ao estupro, com a “vantagem” adicional de poder garantir sua iniciação sexual, além de poder dar vazão irreprimida a desejos e fantasias sexuais no corpo da mulher subjugada³. De todo modo, as “crias” resultantes eram *commodities* vendidas ou incorporadas ao contingente de propriedade do senhor. Ou matéria indesejada, abandonada à morte, caso a premência financeira não requisitasse renovação da mão de obra por estes meios.

A transição do regime de escravidão para o de liberdade significou, entre outras, a mudança de definição ou do *status* conferido aos corpos das mulheres e aos frutos concebidos por eles. Em comum, as duas épocas partilham a perspectiva da inferioridade racial e de gênero das mulheres negras.

O medo, importante elemento presente nas relações entre negros e brancos daquela época – principalmente aquele que os brancos nutriam diante da maioria negra que mantinham sob controle violento – vai servir de base para a elaboração de uma nova imagem de crianças, homens e mulheres negros circulantes nas ruas, nas estradas, nas florestas, nas roças, por toda parte, livres e sem rumo, à procura de novos meios de subsistência na sociedade pós-escravista.

É importante lembrar que, com o fim do regime de escravidão, milhões de negras e negros foram deixados à própria sorte, uma vez que as regras da abolição não previam a incorporação deste contingente em novas bases na sociedade que sonhava se modernizar. Ao contrário, o projeto de sociedade que se delineava buscava afirmar e garantir a branquitude como paradigma, não importa por que meios.

Não é por outra razão que o estado brasileiro no início do século XX busca importar mão de obra européia, cuja imigração ainda é celebrada cotidianamente nos meios de comunicação, principalmente no que se refere à imigração italiana. Interessante notar que a contribuição destes para formação da população e da cultura brasileiras (e eu não falei da produção de riquezas) teve e tem um impacto menor do que o dos africanos e seus descendentes.

Não é por outra razão também que as idéias eugenistas, em pleno vigor na primeira metade do século vão se expandir e buscar alternativas de “melhoramento” populacional

³ Outra notícia de jornal: “Uma escrava é obrigada a ceder aos desejos libidinosos de seu senhor para não se expor, com a recusa, a toda a sorte de torturas; não poder guardar a honra de sua filha (se tem) nem mesmo a sua contra tentativas de seu poderoso senhor: um escravo não pode queixar-se da infidelidade de sua mulher, e vingar-se de seu sedutor. Em geral é isto que acontece.” *O Americano*, 2/04/1851 (Giacomini: 1988: 70)

do Brasil, tanto no estímulo ao desenvolvimento da população branca (que inclui crescimento populacional e condições diferenciadas e melhores de vida), quanto na redução dos contingentes considerados indesejáveis, tanto através da expulsão sistemática como também nas restrições de acesso às alternativas de bem-estar à disposição.

Eugenia positiva no Brasil:

No início do século XX no Brasil, negras e negros eram vistos como elementos indesejáveis, corruptores da imagem e da honra nacionais, fatores impeditivos do desejo de modernização da sociedade, ameaças à branquitude nacional. Nas palavras de Raimundo Nina Rodrigues: *A influência do negro, disse, há de construir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo; nada poderá deter a eliminação do sangue branco*⁴.

Ao mesmo tempo, a população negra e a miséria em que viviam à época serão descritos como sintomas da marginalidade criminosa dos inferiores, capazes de ameaçar o bem-estar das pessoas “de bem”, leia-se, dos brancos e dos ricos.

É esta perspectiva que abrirá espaço para teorias e pensamentos que possibilitem organizar a situação social e projetar a nova nação, de modo a garantir a eliminação dos indesejáveis (os negros) da sociedade brasileira, como requisito essencial para a modernização.

A Europa, principal fonte de modelos ideológicos e políticos como desde o princípio da história do Brasil, bem como de modelos humanos, fornecerá as bases de pensamento para o desenvolvimento de ações que possibilitem a implantação de um projeto de modernidade brasileira. Arte, arquitetura, urbanismo e medicina sanitária emitirão os sinais mais visíveis da implantação entre nós da racionalidade científica de origem no pensamento ocidental de populações brancas da Europa. A transformação urbana no Rio de Janeiro à época de Pereira Passos (1903-1906), visando a construção de uma “Paris tropical” sob os escombros da cidade pobre e negra, levou à demolição de centenas de habitações, de modo a permitir a expulsão dos contingentes indesejáveis e incompatíveis, segundo o pensamento hegemônico da época, com a modernização e civilização que se propunha. Aos contingentes inadequados restou o deslocamento para fora dos limites da “nova” cidade.

⁴ Rodrigues, Raimundo Nina. Os africanos no Brasil, 3ª edição, São Paulo, Cia. Editora Nacional, p. 28 (Munanga: 1999: 56)

As populações brancas na Europa e nos Estados Unidos da época, tendo a si mesmas como modelos de humanidade virtuosa, vão construir o arcabouço teórico-científico que fundamentará uma nova forma de dominação e ocupação dos territórios no mundo. Suas idéias serão bem recebidas e incorporadas por diferentes círculos da burguesia emergente no Brasil da época.

De fato, idéias eugenistas surgidas na Europa do século XIX⁵ passam a impregnar o pensamento de diferentes formuladores do projeto de nação para o país recém republicano.

Já em 1914 o Brasil vai ver pela primeira vez o termo *eugenía* (com acento agudo no *i*) associado ao título de uma tese de medicina⁶. Pouco tempo depois, em 1918, será fundada a primeira sociedade eugenista no país. Chama a atenção a velocidade com que a eugenia se instala entre nós, no incipiente século e seus limitados meios de comunicação (se comparados aos dias atuais), uma vez que a sociedade eugenista brasileira foi formada apenas seis anos após a fundação da sociedade na França e dez anos após a sociedade inglesa ter surgido (Stepan: 1996:36).

O pensamento eugenista no Brasil vai penetrar diferentes esferas ao longo de todo o século XX. Apresentando fôlego suficiente para assumir, segundo Nancy Stepan (1996), um protagonismo – junto com outros países da América Latina – capaz de produzir novas definições e ações políticas e, deste ponto de vista, com a mesma estatura que o movimento na Europa e nos Estados Unidos. Ainda que os efeitos da derrota nazista (um movimento eugenista que angariou o poder estatal) e sua condenação política e ética venha a provocar um certo recuo na sua explicitação nas esferas públicas destes continentes.

Eugenia positiva é uma vertente da eugenia que se propõe a realizar o melhoramento das espécies através do estímulo à reprodução daqueles grupos considerados superiores ou melhores. Na história da eugenia na Europa e nos Estados Unidos, a eugenia positiva se caracterizou pelo estímulo à reprodução de indivíduos brancos, hígidos, ou seja, sem deficiência física, mental ou qualquer doença crônica incapacitante, considerados mais adequados ao fortalecimento da população. Condições facilitadas de vida, trabalho e

⁵ Em 1883 o inglês Francis Galton criou o termo eugenia para definir a ação humana no melhoramento das espécies, em especial a humana. 33 anos após Charles Darwin ter lançado o seu a Origem das Espécies, Galton dará a largada a um movimento social que terá importantes manifestações tanto na Europa e Estados Unidos quanto na América Latina e no Brasil..

⁶ De Alexandre Tepedino, *Eugenía (esboço)*, Rio de Janeiro, Faculdade de Medicina, 1914. Citado por Nancy Leys Stepan, *The Hour of Eugenics: Race, Gender and Nation in Latin America*, p. 36

procriação eram colocadas à disposição de brancos em diferentes países em diferentes partes do mundo.

De todo modo, o projeto de “melhoramento” da população brasileira através da importação de “brancos” da Europa e de outras partes do mundo⁷, vai possibilitar a inversão do padrão racial da população brasileira, principalmente no que se refere à participação da população negra: de maioria populacional equivalendo a 58% do total segundo o Censo do Império em 1872 (Martins, 2001), os primeiros anos da república brasileira apontam uma redução da população negra a patamares de 38,2% em 1950 (Henriques, 2001).

Além das estratégias demográficas de branqueamento, outras serão requisitadas para que se garanta um perfil de estabilidade das transformações impostas. Iniciativas de interpretação – na verdade, de definição - sociológica do Brasil à época vão oferecer o arcabouço teórico para uma nova nacionalidade brasileira. Tais iniciativas, ainda assim, serão levadas a reconhecer as diferentes contribuições dos povos presentes na formação do Brasil – o que será visível na obra de Gilberto Freyre, principalmente. Mas todas estabelecerão como posição dominante, de liderança e referência ao padrão brasileiro, o homem branco europeu. A sociedade patriarcal e racista lança novas bases para sua expansão entre nós, de forma condizente com as mudanças vividas tanto na política quanto na economia, com forte atuação do pensamento eugenista.

A construção da nova narrativa da brasilidade poderá ser ameaçada, segundo muitos dos pensadores da época, por um fator específico e para muitos assustador: a capacidade procriativa das mulheres negras, que no médio e longo prazos tornariam sem efeito todas as ações e políticas de branqueamento nacional empreendidas até então. Para responder a estes temores e garantir o branqueamento populacional, medidas repressivas voltadas para a população negra serão integradas às estratégias de constituição da nacionalidade do século XX.

Eugenia negativa no Brasil:

O medo da diluição do sangue branco na presença do contingente negro, expresso por Nina Rodrigues, vai demandar ações mais contundentes para a preservação da branquitude nacional. Iniciativas tanto de manipulação da carga biológica quanto

⁷ É numa versão adaptada, mais elástica de branco que vai se apoiar a importação sucessiva de trabalhadores italianos, japoneses, judeus, turcos, árabes, entre outras ao longo da primeira metade do século XX.

simbólica vão atingir a população negra, como requisito fundamental para o domínio branco. Nas palavras de Edson Carneiro: *A ruptura dos laços com África, mesmo por meios de freqüentes processos brutais, parece para mim ser uma válida aquisição do povo brasileiro.*⁸

A desconfiança e/ ou constatação de padrões diferentes de fecundidade entre negras e brancas, com menor número de filhos para estas últimas, passa a ser, então, foco das atenções eugenistas, requerendo renovação de ações no sentido de prover à população branca a supremacia numérica.

Além da redução simbólica resultante das ações culturais de branqueamento – que incluíam a violenta repressão a manifestações culturais, artísticas e religiosas negras – as relações dos brancos com os indesejáveis contou também com políticas públicas de manutenção da inferiorização e desvalorização. Recordemos que a ação estatal dirigida à população negra a esta época estava reduzida basicamente à repressão policial e ao controle de endemias, que tinham em comum os métodos violentos⁹.

As iniciativas de redução de populações indesejáveis desde a perspectiva eugenista recebe o nome de *eugenia negativa* e compreende um conjunto de ações tanto biológicas, quanto materiais e simbólicas que permitiriam a eliminação daqueles indivíduos e grupos considerados inferiores.

Já desde o início do século XX os movimentos eugenistas lançaram mão de técnicas médicas para a eliminação e controle dos indesejáveis. Neste âmbito, teve destaque o recurso à esterilização cirúrgica, utilizada como instrumento eficaz e, em muitos casos, com amparo legal - a primeira lei de esterilização foi posta em prática nos Estados Unidos, na Pensilvânia, em 1907. Com o mesmo propósito, medidas mais radicais foram empreendidas na Europa ao longo do governo nazista, nas estratégias de eliminação de judeus, ciganos, negros, homossexuais, deficientes e outros tidos como inferiores e perigosos ao padrão ariano que se buscava.

A ciência, a medicina e a técnica serão os principais elementos na efetivação de medidas eugênicas sobre diferentes populações. Nesta perspectiva, as novas elaborações, pesquisas e descobertas do século XX vão trazer aos anseios de controle populacional novas e mais eficazes ferramentas.

⁸ Carneiro, Edson. Em 80 anos de abolição, Cadernos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1968. (Munanga: 1999: 95). Grifo meu.

⁹ Ver a este respeito: SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina - mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Na segunda metade do século um novo elemento será posto a disposição de racistas eugenistas. Este se refere ao desenvolvimento, na década de 60, de novas tecnologias de controle da fecundidade através da interferência nos ciclos hormonais das mulheres.

Imediatamente os métodos contraceptivos hormonais recém desenvolvidos foram apropriados pelas mulheres brancas do ocidente como principal instrumento daquilo que foi definido então como “revolução sexual”. No outro extremo, estes métodos abriram novas perspectivas para controle compulsório da fecundidade das mulheres negras, indígenas e asiáticas, para além da esterilização cirúrgica já à disposição.

O retorno do debate acerca dos perigos do crescimento populacional excessivo no mundo traz de volta as teorias de Thomas Malthus (1766 – 1834) nos Estados Unidos e na Europa, fazendo parte do conjunto de idéias alarmistas postas à disposição das estratégias de controle da natalidade de determinadas populações. O medo da explosão populacional será disseminado por diferentes indivíduos e organizações cujo principal objetivo é prover os meios necessários à supremacia branca em todo o mundo.

A partir da década de 70, novas iniciativas de controle populacional contra mulheres negras vão ser levadas à cabo nos Estados Unidos, no Brasil e em outras partes, numa iniciativa combatida pelas organizações negras sob denúncias tanto de genocídio quanto de usurpação da liberdade reprodutiva das mulheres¹⁰.

A exemplo das ações empreendidas no início do século XX que produziram a esterilização forçada daqueles tidos como inferiores, inclusive mulheres negras, cirurgias, hormônios, pressão social e coerção serão atividades desenvolvidas. Estas, serviram de pré-teste para a nova ofensiva a ser lançada décadas após, voltada para o controle da população em diferentes países do mundo. Em muitos casos, tais ações serão justificadas por uma suposta ameaça à segurança nacional de países como Estados Unidos e os da Europa, principalmente nos anos 70 e 80. Em outros, o discurso da ameaça da degradação ambiental será o pano de fundo, agora já na década de noventa, na emergência da ecologia como movimento político.

O desenvolvimento tecnológico colocará à disposição novas técnicas, novos artefatos, que garantirão a redução da fecundidade de povos não brancos através da extinção da fecundidade de indivíduos, em grande parte, das mulheres. A cesta de alternativas da segunda metade do século XX não afastará a esterilização cirúrgica feminina e

¹⁰ No Brasil do início da década de 90, organizações de mulheres negras de todo o Brasil lançaram a Campanha Nacional contra a Esterilização em Massa, com o slogan Esterilização de Mulheres Negras: Do Controle da Natalidade ao Genocídio do Povo Negro, sob a liderança do Programa de Mulheres do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas, do Rio de Janeiro.

masculina cujo desenvolvimento de técnicas simplificadas possibilitou a realização de cirurgias rápidas, que produziram os “festivals” de esterilização compulsória em condições precárias como os empreendidos na Índia, por exemplo. E contará também como métodos hormonais de ação prolongada como norplant e depo-provera, além do uso de DIUs, em diferentes países da África, Ásia e Américas. Nestes continentes, mulheres não-brancas eram os alvos principais. Em muitos dos casos, estes métodos faziam parte de acordos bilaterais ou multilaterais de ajuda humanitária ou de comércio, postos nas agendas dos países pelos governos norte-americano (através da USAID principalmente) e europeus. Contando também com agendas do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional ou de organismos do sistema das Nações Unidas, em especial o Fundo das Nações Unidas para População e Desenvolvimento/ FNUAP e do Fundo das Nações Unidas para a Infância/ UNICEF e da Organização Mundial de Saúde.

É importante assinalar também que recursos para temas populacionais, traduzidos como controle da natalidade, também serão distribuídos ou repassados por organizações não governamentais internacionais onde têm destaque a Fundação Ford, a Fundação Rockefeller, o Population Council, a International Planned Parenthood Federation/IPPF, Fundação Pathfinder, entre outras. Note-se que todos estes organismos tiveram atuação comprovada no Brasil¹¹, de forma isolada ou em parceria com governos nos diferentes níveis, organizações da sociedade civil, associações profissionais (em especial as de ginecologia e obstetrícia) e mesmo organizações feministas.

É ainda na esteira do controle da natalidade que surgem e/ ou se desenvolvem entre nós organizações como a Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar/ BEMFAM; o Centro de Pesquisas e Assistência Integral à Mulher e a Criança/CEPAIMC, o Centro de Pesquisas sobre Reprodução Humana/ CPARH, o Centro de Pesquisa e Controle das Doenças Materno-Infantis da Universidade de Campinas/CEMICAMP¹² e a Associação

¹¹ Ver Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito empreendida pelo Congresso Nacional (Câmara de Deputados e Senado juntos) no ano de 1991 (aprovada para instalação sob Projeto de Resolução nº 35/91)

¹² Este envolveu-se num caso de forte repercussão: o desenvolvimento de pesquisa nacional sobre o uso do norplant a partir de 1984, fora dos requisitos exigidos pelas regulamentações de pesquisa em seres humanos. Sob a coordenação do médico chileno Abraham Juan Diaz – que foi substituído pelo Dr. Aníbal Faúndes quando constatou-se que aquele não tinha registro no Conselho Regional de Medicina - 3562 norplants foram implantados em mulheres de diferentes estados, sem que procedimentos legais e científicos para pesquisa em seres humanos fossem respeitados. Após mobilizações de organizações de mulheres, a pesquisa foi proibida no Brasil. A face mais trágica disto é que muitas mulheres foram abandonadas à própria sorte, com os artefatos ainda implantados em seus corpos, sem que aqueles que os inseriram fossem acionados para retirá-los. Entre estas, várias apresentaram seqüelas, restando também a

Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar/ABEPPF. É possível conferir a estas o título de organizações mais destacadas no território nacional, na implantação de diferentes formas de controle da natalidade voltadas prioritariamente para a utilização de métodos anticoncepcionais que alijem as mulheres das possibilidades de administração e controle de seus corpos e ciclos de fecundidade. Dando destaque à métodos que requisitavam a interferência de profissionais treinados, como na implantação de DIUs, norplant e principalmente a implantação e disseminação de uma cultura de esterilização entre a população, as iniciativas de controle da natalidade no Brasil provocaram quedas bruscas das taxas de fecundidade nacional ao lado de altas taxas de laqueaduras tubárias, ambas num patamar sem precedentes em todo o mundo.

A bio-nova:

Novas técnicas, novas possibilidades de penetração e controle de processos biológicos e de fecundidade têm feito parte do conjunto de possibilidades criativas empreendidas pela moderna biologia e pela medicina de fins do século XX.

Como marco principal das novas tendências e demandas está a descoberta da dupla hélice do DNA. A partir daí, grande parte das questões de manipulação biológica de populações teriam como desafio o controle dos processos desenvolvidos na intimidade dos núcleos das células humanas. Possibilidades antes somente projetadas pela arte e pelo sonho, abrem-se a partir das bancadas dos laboratórios. Criação e reprodução de órgãos e tecidos humanos; cura de doenças degenerativas graves como o Mal de Alzheimer ou lesões medulares graves como a que atingiu o “super homem” Christopher Reeve; criação de seres humanos idênticos através da clonagem; produção de super-humanos pela implantação de genes específicos segundo as características desejadas, através da modificação genética hereditária; e, por fim, extinção da morte...

A vertigem das possibilidades é colocada a partir desafio inicial de conhecer e mapear profundamente as bases materiais da vida. É quando tem início o Projeto Genoma Humano. Seu objetivo ambicioso: mapear todo o material genético humano, ou o “alfabeto da vida”, para utilizar a linguagem sensacionalista e mitificadora então em voga. Sua face *business* inclui bilhões de dólares investidos por organismos privados e estatais, circulando pela mão de laboratórios, centros de pesquisas e principalmente, de

informação acerca de uma mulher que morreu sem que as causas fossem esclarecidas. Para maior aprofundamento do uso do Norplant no Brasil ver Dacach, S. e Israel, G., *As Rotas do Norplant*, 1993

pesquisadores lotados nos Estados Unidos e Europa¹³. Sua face eticamente desafiadora: porções de DNA foram (ou têm sido) patenteadas. Ou seja, parte do patrimônio genético dos humanos foi considerada propriedade privada. Sua face eugênica: tenta colocar à disposição técnicas de manipulação do material genético das células, de modo a eliminar características humanas tidas como indesejáveis, bem como produzir novos humanos superdotados. Ou então, desenvolver técnicas que propiciem a duplicação daqueles tipos humanos considerados desejáveis e adequados.

Chame-se atenção de que este cenário de manipulação genética de células humanas tem se tornado possível como um desdobramento “natural” das modernas tecnologias da reprodução, que envolvem técnicas de reprodução assistida; fertilização *in vitro*; diagnósticos de embriões fertilizados em laboratórios, para a seleção e eliminação dos indesejáveis em procedimentos pré-implantatórios; bancos de armazenagem e venda de embriões congelados.

Um dado que conta para este trabalho, envolvido na disponibilização destas técnicas, está na constatação de que estas têm sido colocadas à disposição dos desejos de procriação de populações brancas. E, especialmente, para a disseminação da herança genética e para a garantia de descendência de homens brancos. Explicita-se assim um forte viés racista e patriarcal destas técnicas, como já assinalaram Dorothy Roberts (1997) e Marilena Corrêa (2001). Principalmente quando postas em contraste com a utilização intensiva e, em muitos modos, coercitiva, da esterilização cirúrgica e química entre os grupos não brancos, em particular das mulheres. Ainda que importantes segmentos do movimento feminista internacional tenham celebrado – e ainda o façam – estas técnicas como um recurso à mais na garantia da liberdade reprodutiva das mulheres. E ao mesmo tempo que parte significativa do movimento anti-racista esteve e ainda esteja se ausentado dos debates acerca dos usos e abusos de tecnologias deste tipo. Mais uma vez, técnicas de eugenia positiva e negativa são disseminadas, via mídia e medicina, e vêm sendo utilizadas de modo a garantir a supremacia branca e a redução dos contingentes não brancos, apoiando-se fundamentalmente em ideologias do patriarcado.

A eugenia já foi condenada pelo ocidente, na figura da derrota do regime nazista pelos países aliados ao fim da II Guerra da Europa. No entanto, sua condenação política não significou a completa eliminação das idéias de melhoramento racial, nem impediram

¹³ Parte residual, ainda que significando somas vultuosas, deste montante também foi distribuído a países periféricos e entre eles, o Brasil

que novos ataques contra populações tidas como inferiores fossem empreendidos. Os diversos ataques sofridos por diferentes populações em diferentes partes do mundo têm freqüentado o noticiário internacional e têm exemplificado a vigência das idéias eugenistas e o vigor das investidas genocidas, mesmo neste início de século XXI.

Assim, não pode ser considerada surpreendente a constatação de que objetivos eugenistas também estão por trás da movimentação, pesquisa e busca de implementação das modernas biotecnologias. Ao contrário, em artigo publicado no *British Medical Journal*, Arthur L. Caplan e seus colaboradores perguntavam: *o que há de imoral na eugenia?*¹⁴

Como forma de deslocamento da eugenia das esferas de condenação em que tem sido colocada por parte da sociedade ocidental, os autores propõem sua aceitabilidade a partir de que suas prerrogativas e escolhas estejam circunscritas à esfera familiar, do casal ou individual.

Esta manobra tem como objetivo gritante a ocultação dos vieses ideológicos e políticos por trás das escolhas individuais, bem como conferir um patamar de neutralidade questionável ao desenvolvimento e disponibilização de técnicas deste tipo. Ainda que afirmações de neutralidade da ciência tenham sido postas em cheque ao longo do século passado, ao mesmo tempo que seu poder de destruição tenha sido explicitado espetacularmente a partir do lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki.

Nas palavras de Alexandre do Valle Menezes: *Se com a tecnologia da fissura nuclear a ciência anuncia sua capacidade de destruição absoluta da vida, com o discurso da genética proclama sua capacidade (supostamente) ilimitada de criar e moldar a vida*¹⁵.

No que se refere à sua capacidade de eugenia, ou seu propósito, talvez nada mais necessite ser demonstrado.

As manobras de produção de discursos de neutralidade das biociências confrontam-se com outros discursos emitidos por diferentes pesquisadores desse mesmo campo de desenvolvimento das biotecnologias. Muitos destes discursos foram compilados e disseminados pelo Center for Genetics and Society, organização não-governamental sediada no estado da Califórnia, nos Estados Unidos e postos à disposição daqueles que

¹⁴ Caplan, Arthur L., McGee, Glenn e Magnun, David. *What is immoral about eugenics?* BMJ: 1999; 319: 1284

¹⁵ Menezes, Alexandre do Valle. *Esboço de uma Ontologia do Cyborg*. ECO/UFRJ (Mestrado), www.eco.ufrj.br

visam compreender mais e melhor os aspectos políticos e ideológicos nem sempre explícitos nos movimentos da ciência.

Vejamos, por exemplo, o que disse o biólogo molecular Lee Silver, da Universidade de Princeton, numa publicação onde o autor busca projetar o futuro da humanidade pós-implantação das modernas biotecnologias de clonagem humana, de engenharia genética e de modificação genética hereditária: *Os geneticamente ricos – que representam 10% da população americana – carregam genes sintéticos. Todos os aspectos da economia, da mídia, da indústria de entretenimento, e da indústria do conhecimento são controlados por membros da classe geneticamente rica...Os naturais trabalham como mão-de-obra barata ou como operários...[Finalmente] a classe dos geneticamente ricos e a classe dos naturais se transformarão em espécies inteiramente separadas, sem capacidade de cruzamento, e com tanto interesse romântico uma pela outra quanto um homem atual teria por um chimpanzé*¹⁶.

Ao dividir a espécie humana do seu futuro projetado em duas classes distintas e incompatíveis dos “naturais” e dos “geneticamente ricos”, Lee Silver, um pesquisador dedicado às novas descobertas biotecnológicas, um biólogo molecular com atuação nos laboratórios onde se desenvolve as novas possibilidades técnicas, retrocede no tempo e reedita os pressupostos eugênicos de raças superiores e raças inferiores. Bem como as possibilidades de exploração econômica destes últimos, para provimento de condições agradáveis de existência para os primeiros. Reproduzindo tranquilamente e sem qualquer constrangimento moral ou ético alternativas vividas por africanos e seus descendentes na Europa e nas Américas desde século XVI!

As idéias de Silver não são isoladas. Ao contrário, são partilhadas por outros cientistas que têm estado à frente das iniciativas biotecnológicas. Vejamos o pensamento de James Watson, prêmio Nobel por ter sido um dos descobridores da estrutura do DNA, que é também o fundador e diretor do Projeto Genoma Humano: *E uma coisa, porque ninguém tem coragem de dizê-lo, se pudéssemos fazer seres humanos melhores sabendo como adicionar genes, por que não? O que há de errado nisso?*¹⁷

Novamente, a indagação sobre o que há de errado (ou imoral) na eugenia, é trazida ao debate. Do lugar das populações negras, indígenas, judias, ciganas e outras, cujas

¹⁶ Silver, Lee. *Remaking Eden: How Cloning and Beyond Will Change the Human Family*. In: Center for Genetics and Society. *O Caso Contra a Clonagem Humana e a Modificação Genética Hereditária*. www.genetics-and-society.org

¹⁷ Stock, Gregory e Campbell, John (edit.) *Engineering the Human Germline*. New York, Oxford Press, 2000, pp. 79-85. In: Center for Genetics and Society, op. cit.

vivências de massacres, políticas eugenistas e racismo não recrudesceram ainda neste século XXI, cabe questionar veementemente a quem caberá o poder de definição e hierarquização entre melhores e piores. E para que.

A utilidade de métodos deste tipo é apontada também por Gregory Pence, professor de filosofia da Escola de Medicina, Artes e Humanidades da Universidade do Alabama: *[Muitas] pessoas adoram seus cães e seu jeito alegre ao redor das crianças e adultos. Poderiam as pessoas ser escolhidas do mesmo jeito? Seria tão terrível permitir aos pais ao menos almejar um determinado tipo, da mesma maneira que os grandes criadores...tentam combinar um tipo específico de cachorro às necessidades de uma família?*¹⁸

Se a alguns pode causar horror a possibilidade de crianças serem projetadas como produtos a serem escolhidos como marcas de sabonete em prateleiras de supermercados, fruto da manipulação de “grandes criadores”; para outros, a redução dos frutos humanos às modalidades de consumo parece ser uma alternativa altamente desejável.

Nós, mulheres e homens negros já há muito nos rebelamos contra a mercantilização humana, desde os mercados de escravos até o tráfico de mulheres para a utilização como produtos sexuais em mercados da Europa. Sabemos, de forma inequívoca, a extensão do mal que pode advir de iniciativas deste tipo. Sabemos também que a dor daí advinda não tem se constituído em freio suficiente para impedir a voracidade de seus perpetradores.

A perspectiva da eugenia, como vemos, está impregnando os discursos e as buscas das novidades anunciadas no terreno da biotecnologia. A busca da superioridade biológica de uns e da inferiorização, controle ou aniquilamento de outros está em vigor entre nós e não é de hoje. É então possível afirmar que sua utilidade está estritamente ligada à manutenção do poder e da capacidade de auto-afirmação de superioridade biológica das populações brancas, que têm, desde o princípio, criado as condições para o desenvolvimento e aplicação de tecnologias deste tipo, como forma de perpetuação do seu poder em controlar e consumir a maior parte das riquezas do mundo, desde as iniciativas colonialista até os dias de hoje.

É possível também, de forma veemente e categórica, dizer que já chega!

¹⁸ Pence, Gregory. Who 's Afraid of Human Cloning? New York, Roman and Littlefield, 1998, p. 168. In: Center for Genetics and Society. www.genetics-and-society.org

Bibliografia:

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 2003, 2ª edição
- CAPLAN, Arthur L., MCGEE, Glenn e MAGNUN, David. *What is immoral about eugenics?* BMJ: 1999; 319: 1284
- Center for Genetics and Society. *O Caso Contra a Clonagem Humana e a Modificação Genética Hereditária* www.genetics-and-society.org
- CORRÊA, Marilena Villela. *Novas Tecnologias Reprodutivas: limites da biologia ou biologia sem limites?* Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001
- DACACH, Solange e ISRAEL, Gisele. *As Rotas do Norplant: desvios da contracepção*. Rio de Janeiro, REDEH, 1993
- DODSON, Howard. The transatlantic Slave trade and the Making of the Modern World. In: WALKER, Sheila S. *African Roots/ American Cultures – Africa in the Creation of the Americas*. EUA, Maryland, Rowman & Littlefield Publishers Inc., 2001
- GIACOMINI, Sônia M. *Mulher Escrava*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- MENEZES, Alexandre do Valle. *Esboço de uma Ontologia do Cyborg*. ECO/UFRJ (Mestrado), www.eco.ufrj.br
- MUNANGA, Kabenguele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, Vozes, 1999
- Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito empreendida pelo Congresso Nacional para investigar a esterilização de mulheres no Brasil. Congresso Nacional, 1991
- ROBERTS, Dorothy. *Killing the Black Body – Race, Reproduction, and the Meaning of Liberty*. EUA, New York, Pantheon Books, 1997
- STEPAN, Nancy Leys. *The Hour of Eugenics: Race, Gender and Nation in Latin America*. New York, Cornell University Press, 1992
- SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina - mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.